Referencial Curricular Nacional para educação, disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pd. Acesso em 15.04.2018.

ROSSEAU, Jean Jacques, Discurso sobre educação – Ridendo Castigat Mores. 1712.

SILVA, W. R. Subvertendo a exclusão escolar: A mediação didática dos gêneros discursivos no ensino da escuta, 1993.

SABINE, Maria Aparecida.; LUCENA, Regina F(NOME COMPLETO). de. Jogos e brincadeiras na Educação Física. Campinas: Papirus, 2009.

RAU, Maria C. T. D. A ludicidade na Educação Física: uma atitude pedagógica. Curitiba: IBPEX, 2011.

OLIVEIRA, Marta Kohl, Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento São Paulo: ed.scipione, 2000.

MÁRCIO Ferrari 2008, Maria Montessori a médica que valorizou o aluno, nova escola.org. BR.

SALLA, (2011) Henry Wallon A importância da afetividade para a aprendizagem significativa (Brasilescola.uol.com.br).

VYGOTSKY, Lev. As contribuições teóricas de Lev Vygotsky para a aprendizagem portal educação.com.br

A AFETIVIDADE NO ENSINO:

PRÁTICAS E TEORIAS EDUCACIONAIS

KATIA HITOMI FUKAE TEIXEIRA

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar como a afetividade, por ser uma condição própria do ser humano, pode e deve ser fator primordial na relação professor-aluno e contribuir para um ensino de qualidade voltado para a construção de cidadãos humanizados e éticos. A pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo é a metodologia adotada para a produção deste trabalho. As referências para fonte do trabalho de teóricos que ressaltam a afetividade como fator importante para a cognição, inteligência e o desenvolvimento do indivíduo são fatores determinantes desse artigo. Na busca de autores de reconhecimento universal e que abordam o tema de forma incontestável destacamos: Heloysa Dantas (1992), Marta Kohl de Oliveira (1992) e Yves de La Taille (1992) sob a perspectiva de Wallon, Vygotsky e Piaget, além Valéria Amorim Arantes (2003) e Julio Groppa Aquino (2003) sobre a olhar da Afetividade na Escola. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos também buscas na internet e em outras fontes como revistas voltadas para o tema sobre a afetividade e textos do Professor Paulo Freire. Dessa forma a partir deste trabalho, pudemos reconhecer a importância da prática afetiva no âmbito pedagógico para o fortalecimento das relações entre professores e alunos com intuito de favorecer o desenvolvimento cognitivo e a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Afetividade, Ensino, Professor, Aluno.

ABSTRACT

This article aims to show how affectivity, as a condition of human beings, can and should be a key factor in the teacher-student relationship and contribute to quality education aimed at building humanized and ethical citizens. The bibliographical research of a qualitative nature is the methodology adopted for the production of this work. References to the source of the work of theorists who emphasize affectivity as an important factor for the individual's cognition, intelligence and development are determining factors in this article. In the search for universally recognized authors who approach the subject in an undeniable way, we highlight: Heloysa Dantas (1992), Marta Kohl de Oliveira (1992) and Yves de La Taille (1992) from the perspective of Wallon, Vygotsky and Piaget, in addition to

Valéria Amorim Arantes (2003) and Julio Groppa Aquino (2003) on the look of Affectivity at School. As an instrument for data collection, we also used searches on the internet and other sources such as magazines focused on the theme about affection and texts by Professor Paulo Freire. Thus, from this work, we were able to recognize the importance of affective practice in the pedagogical scope for the strengthening of relationships between teachers and students in order to favor cognitive development and the construction of knowledge.

Keywords: Affection, Teaching, Teacher, Student.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal descrever a importância do sentimento, das emoções e principalmente da afetividade nas relações humanas e sua relevância no âmbito escolar nas relações professor-aluno. O ser humano é por natureza dotado de sentimentos os quais nenhum outro animal possui nesse mundo. Dessa forma ao abordarmos a questão da afetividade, sobretudo nas relações que se estabelecem dentro do âmbito escolar onde professores e alunos estão intimamente ligados pelas ações cotidianas de caráter educacional, mas, também onde os conflitos de relacionamentos acabam por apresentar um desafio tanto para educandos quanto para os educadores são os objetivos centrais da pesquisa de caráter qualitativa.

Para embasar o trabalho iremos recorrer a autores que ao se debruçarem sobre a questão dos sentimentos, portanto das emoções e afetividade, apresentam argumentos incontestáveis na confirmação da importância da valorização desses quesitos. No livro Afetividade na escola – Summus Editorial, encontramos em Vygotsky a perspectiva histórico-cultural das emoções que aborda a temática dos sentimentos e das emoções de uma maneira muito particular. O trabalho pedagógico e as formas de organizar sem que se percam as dimensões afetivas, também fazem parte do livro acima citado. Ainda no artigo Afetividade no processo de aprendizagem da professora Eliane dos Santos Barbosa, o referendo da importância de se verificar as relações de afetividade professor-aluno e de como elas podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem. O tema é de tamanha relevância que ao buscar referencias para enriquecer o argumento, encontraremos em Piaget, Vygotsky e Wallon a partir do livro Teorias Psicogenéticas em discussão Summus-Editorial, apresentado e debatido por Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira e Heloysa Dantas, os elementos de pesquisa que convergem para ampliação e reafirmação do que buscamos afirmar na elaboração desse artigo.

Finalmente com o apoio de artigos, livros e outras fontes de pesquisa que abordam o assunto possam lançar um olhar para a questão da afetividade no contexto escolar observando se existe o exercício do convívio afetivo no interior das escolas e quais contribuições podem ser aferidas dessa prática na aprendizagem e na construção do conhecimento. A construção de uma sociedade ética, cidadã livre e democrática pressupões uma sociedade humanizadas onde as relações afetivas possas ser o expoente. Nesse sentido as práticas educativas pressupõem que no âmbito das ações escolares professores e alunos possam manter afetividade no ensino.

Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita
Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar A beleza de ser
Um eterno aprendiz...

(Gonzaguinha)

2. Domínios genéticos e o desenvolvimento da afetividade

As pesquisas de Marta Kohl de Oliveira e Teresa Cristina Rego apresentam que a concepção de Vygotsky acerca da natureza e do desenvolvimento das emoções guarda íntima relação com suas explicações sobre o funcionamento psicológico de um modo geral e sobre o desenvolvimento das funções mentais superiores exclusivamente humanas de modo particular. As autoras demonstram ainda que de acordo com o ponto de vista de Vygotsky, "a estrutura e os processos específicos da vida psíquica de um indivíduo não são universais e aistóricos".E conforme reafirma Vygotsky: "Eles devem, portanto, ser rastreados em seus percursos genéticos". As autoras abordam o tema da afetividade lembrando que o autor apresenta que para entender as transformações e a origem das funções psicológicas e dos fatores constitutivos de seu desenvolvimento é fundamental que se tenha uma análise genética para compreender as questões da afetividade.

Assim quanto à afetividade propriamente dita é correto afirmar que entre todas as espécies os seres humanos são os únicos capazes de emoções mais sofisticadas em re-

lação aos outros animais uma vez que possuem um equipamento específico da espécie. É este o diferencial o qual se apresenta uma forma do funcionamento psicológico. As autoras apoiadas no pensamento de Vygotsky estabelecem o papel essencial da interação social assim como o papel primordial da linguagem e a sua importância para o desenvolvimento total das pessoas. Esclarecem ainda que pelo fato dos seres humanos – seres que são constituídos em conceitos culturais expressam pensamentos, emoções não somente suas "como emoções dos animais que permanecem atreladas a sua origem instintiva, biológica".

Essa origem instintiva se afasta e se organizam como fenômeno histórico e cultural nos seres humanos. Assim as autoras esclarecem que Vygotsky considerava no que diz respeito ao desenvolvimento da afetividade "que a qualidade das emoções sofre transformações conforme o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança se desenvolvem". Ou seja, os instrumentos mediadores são ferramentas culturais internalizadas que o afastam de sua origem biológica e vai dotando de conteúdos histórico-culturais. O mergulho dos sujeitos humanos nas práticas e as relações sociais vão definindo as emoções mais complexas e o intelecto conduzem aos processos de uma regulação própria.

Finalmente pode-se afirmar que a afetividade, por ser de característica especificamente humana será construída a partir de elementos culturais. Sendo assim teremos uma diversidade na organização, na concepção das emoções de acordo com os diferentes agrupamentos culturais. Não podemos deixar de observar que segundo a observação das autoras sobre as questões da afetividade apresentadas por Wallon lembrar a importância da linguagem ao ocupar um lugar de suma importância na sua constituição. Para compartilhar as emoções com outros, controlar, compreender, identificar, precisamos dispor de palavras para dar nome às emoções.

3. Afetividade no processo de aprendizagem

Eliane dos Santos Barbosa - Graduada em Pedagogia (FAP)

O Artigo da Professora Eliane, aborda a questão da afetividade na aprendizagem com o intuito de verificar as relações afetivas entre professor-aluno e de como elas podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem. São vários os fatores que interferem no processo de aprendizagem da criança. Porém, dentre tantos, a emoção que a criança sente ao aprender as primeiras regras, as quais se aplicam depois à sociedade, ou seja, a formação cidadã advém de uma boa formação emocional. Há também o intuito de verificar as relações de afetividade

São vários os fatores que interferem no processo de aprendizagem da criança. Porém, dentre tantos, a emoção que a criança sente ao aprender as primeiras regras, as quais se aplicam depois à sociedade, ou seja, a formação cidadã advém de uma boa formação emocional.

A afetividade na escola, como complemento da afetividade na família, é de suma importância para seu desenvolvimento, tanto cognitivo quanto social. Assim, a necessidade de compreender se a dimensão afetiva entre professor-aluno influencia o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Antunes (2008, p. 1), a origem biológica da afetividade, como se percebe, destaca a significação do "cuidar". O amor entre humanos surgiu porque sua fragilidade inspirava e requeria cuidados e a forma como esse cuidar se manifesta é sempre acompanhada da impressão de dor ou prazer, agrado ou desagrado, alegria e tristeza. Percebe-se, portanto, que afetividade é uma dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que um sujeito se liga a outro por amor e essa ligação embute outro sentimento não menos complexo e profundo. A afetividade, ao longo da história, está relacionada com a preocupação e o bem-estar do outro; a solidariedade não apareceu na história humana como sentimento altruísta, mas como mecanismo fundamental de sua sobrevivência. O artigo fala ainda de:

- A afetividade e a autoestima
- Relação do afeto e da autoestima no âmbito escolar
- Aprendizagem
- Relação afetiva professor-aluno

4. Afetividade em Piaget, Vygotsky e Wallon

As pesquisas descritas por Yves De La Taille, Marta Kohl de Oliveira e Heloysa Dantas no livro Teorias Psicogenéticas em discussão nos dá a dimensão da importância da afetividade na construção da inteligência, dos aspectos cognitivos e na construção da pessoa quanto do conhecimento. Dessa forma os autores acima citados ao debruçarem-se sobre os aspectos da questão afetiva apresentam as pesquisas e conclusões dos renomados autores Piaget, Vygotsky e Wallon.

4.1. Afetividade em Piaget

- Yves de La Taille apresenta que: Piaget prega que não assistimos a uma luta entre afetividade e moral. Acrescenta que as questões afetivas e morais então em harmonia, e razão e afetividade equilibradas, portanto, em harmonia dentro de limites. De outro modo o autor aponta que a inteligência, ou seja, a organização da mesma ou sua evolução permite organizar o mundo onde a afetividade esteja presente "– sempre na área moral" – Nesse sentido afirma que não existe a reciproca e assim reflete se a afetivi-

dade poderia tornar o respeito mutuo possível de ser seguido na prática. Aponta ainda que "Piaget ficou de certo modo refém de seu próprio método que consistiu em estudar o juízo moral".

4.2. Afetividade em Vygotsky

• Marta Kohl de Oliveira nos fala que: "A exploração do lugar afetivo na obra de Vygotsky torna-se particularmente interessante pelo fato de que esse autor, que produziu sua obra nos anos 20 e 30 do século XX poderia ser considerado um cognitivista". Dessa forma Oliveira afirma que ele propõe uma abordagem unificadora das dimensões afetivas e cognitivas do funcionamento psicológico que muito explicitam, mais uma vez, essa abordagem. Conforme Vygotsky:

"Quando associado a uma tarefa que é importante para o indivíduo, quando associado a uma tarefa que, de certo modo, tem suas raízes no centro da personalidade do indivíduo, o pensamento realista dá vida a experiências emocionais muito mais significativas do que a imaginação ou devaneio. Consideremos, por exemplo, o pensamento realista do revolucionário ao contemplar ou estudar uma situação política complexa. Quando consideramos um ato de pensamento relativo à resolução de uma tarefa de importância vital para a personalidade, torna-se claro que as conexões entre o pensamento realista e as emoções são frequentemente muito mais profundas, fortes impulsionadoras mais significativas do que as conexões entre as emoções e o devaneio." (Vygotsky, 1987, p.348).

4.3. Afetividade em Wallon

• Heloysa Dantas nos remete à Wallon e nos diz que: "Na teoria de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento". A autora mergulha no pensamento de Wallon acrescentando que: "Ambos se iniciam num período que ele denomina impulsivo-emocional e se estende ao longo do primeiro ano de vida". Para ampliar o conceito de que a afetividade está presente no pensamento de

Wallom acrescenta: "Neste momento a afetividade reduz-se praticamente às manifestações fisiológicas da emoção, que constitui, portanto, o ponto de partida do psiquismo". Por outro lado, ao refletir sobre o pensamento de Wallon onde a afetividade segundo o autor por não ser somente uma das dimensões da pessoa, mas também com o ele próprio diz ser uma fase do desenvolvimento em suas palavras "a mais arcaica". Ao trazer a questão da gênese do ser humano que foi um ser afetivo "logo que saiu da vida puramente orgânica". A vida racional tornou-se aos poucos diferentes da afetividade. Assim conforme Wallon: "no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira".

5. Afetividade, Escola, Professor e aluno.

Escola é

... O lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros, Programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente...

(Paulo Freire)

O Poema de Paulo Freire talvez seja a melhor ilustração para mostrar a importância da afetividade na escola. Onde professores, coordenadores, diretores, funcionários, alunos todos enfim num ambiente afetivo onde a alegria e as emoções estão presentes. O professor afetivo consegue interpretar os seus alunos, dado que é capaz de reconhecer a motivação das ações da turma, além de estar sempre preparado para as possíveis reações do grupo. A importância da afetividade com estudantes adolescentes é de suma necessidade. Alunos nessa faixa etária precisam de adesão emocional e de acreditar que a escola se preocupa verdadeiramente com eles. Na verdade, como diz o poema toda a comunidade escolar deve estar imbuída de afetividade para que a escola possa florir. Nesse sentido o caráter harmonioso e amável deve ser um dos eixos de uma escola de qualidade.

Se nos lembrarmos da escola do passado, verificaremos que não só os aspectos afetivos não estavam presentes nas relações professor-aluno, como a própria escola não reconhecia os educandos a partir de uma perspectiva humanizada. Conforme Arriés (1981, p.156), "Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento de infância não existia". Ele nos fala ainda da rudeza da infância escolar acrescentando que os colégios no século XIII, eram asilos para estudantes pobres fundados por doadores. Segundo o autor quando a criança ingressava na escola no mesmo instante estada adentrando para o mundo dos adultos, o que nos leva a refletir que as questões da afetividade não eram priorizadas.

Ao observarmos as escolas e a educação do século XXI, podemos ter a certeza que muita coisa mudou embora ainda uma herança cultural por vezes surge nos alertando para o perigo de cairmos na armadilha onde se preconizava que a educação do passado era melhor que a contemporânea. Constituição Federal de 05 de outubro de 1988 em seu artigo 227 estabelece que: "A afetividade é Princípio Constitucional inerente ao dever familiar, dado que conforme artigo 227 da Carta Magna o pai tem o dever de conviver com o seu filho desenvolvendo suas potencialidades".

6. Afetividade e a Legislação

Ao buscar na legislação brasileira encontramos os aspectos ligados à importância da afetividade, sobretudo com as crianças, jovens e adolescentes. É óbvio que as relações afetivas devem estar presentes no convívio humano de forma geral e em todas as circunstâncias. No, entanto, se nos reportarmos às referências históricas veremos que a criança, e o jovem nem sempre foram reconhecidos como indivíduos que possuem relevância para o adulto. Na idade média como cita Arriés a criança era vista como um adulto em miniatura e tratada como tal. Nesse sentido a afetividade não era exercida de forma plena.

Atualmente a legislação brasileira e mundial criaram mecanismos de proteção à criança aos jovens e adolescentes, sobretudo na escola. O E.C.A – Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Segundo o ECA:

Art. 25. Entende-se por família natural a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes.

Parágrafo único. Entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência (Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990).

A legislação brasileira é clara no que diz respeito à proteção à criança e ao adolescente. E dessa forma a escola como sendo uma instituição de convívio de relações e convívio humano deve ser a portadora de uma "Pedagogia da Afetividade". Podemos destacar como exemplo o que é confirmado no artigo 29, na lei nº12. 796 de 2013, da Lei de Diretrizes e Bases, na qual diz que "a Educação Infantil tem um papel de estimular a afetividade no aluno, não somente em praticá-lo, de modo que ele consiga desenvolver assiduamente seu papel de cidadão, que não transgride normas sociais". Dessa forma sendo a Educação Infantil a etapa inicial da educação básica onde as personalidades se estabelecem, podemos ampliar o papel de estimular a afetividade no aluno para todas as etapas de Ensino.





7. A organização do trabalho pedagógico e as dimensões afetivas

O trabalho pedagógico não pode e não deve deixar de levar em conta as dimensões afetivas em suas práticas. A prática pedagógica deve conter em sua organização elementos que estejam vinculados diretamente com as praticas afetivas. O objetivo central da educação e do ensino é construção plena do ser humano em um cidadão consciente de sua humanidade, dotado de senso crítico, ético e democrático. Assim ao observar os currículos escolares não podemos deixar de incluir a afetividade como um dos fatores primordiais para um ensino de qualidade, voltado para a diversidade e não dissociado da realidade.

Nesse sentido ao falar de sentimentos não basta tratar a afetividade como um tema transversal, pois para além dos conteúdos programáticos tradicionais o afeto é uma das práticas a ser trabalhada da mesma forma que a matemática, a língua portuguesa, ciências, história, geografia, educação física ou mesmo artes. Os sentimentos muita mais que a fala, o movimento, o raciocínio estão presentes no aluno bem antes do mesmo adentrar a sala de aula. Que os sentimentos como alegria, tristeza, raiva ou outros sentimentos possa ser trabalhados assim como o a leitura e escrita ou o cálculo e os fatos históricos ou a posição geográfica. A afetividade por ser uma característica humana poderia ser área de conhecimento obrigatória nas escolas. Cada indivíduo, dentro do ambiente escolar, deve manter as relações afetivas sempre em alta e fazer da afetividade uma estratégia pedagógica e relacional.

7.1 – Afetividade, Equidade e Igualdade

As relações afetivas devem levar em conta a equidade e a igualdade. No entanto devemos entender a diferença que existe entre uma e outra. Conforme artigo do site: https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/o-que-e-equidade/ a palavra equidade é definida como uma disposição para reconhecer imparcialmente o direito de cada um. Isto é, o significado de equidade revela um senso de justiça em que o tratamento ou modo de agir em relação à determinada pessoa deve se dar com base no reconhecimen-

to das características individuais e necessidades específicas dessa pessoa. A igualdade é baseada no princípio da universalidade, ou seja, de que todos devem ser regidos pelas mesmas regras e devem ter os mesmos direitos e deveres.

A igualdade é um dos pilares da cidadania, que pode ser entendida como "o direito a ter direitos". A cidadania gera um espaço de igualdade entre os indivíduos que se tornam cidadãos, pois eles passam a desfrutar dos mesmos direitos civis e políticos estabelecidos na sociedade, como o direito à liberdade, o direito ao voto, o direito à propriedade, entre outros.

O Professor Paulo Freire em seu livro Pedagogia do Oprimido nos remete à questão da afetividade direta ou indiretamente. No conceito apresentado o oprimido sofre por parte do Opressor de uma "não afetividade" isto é oprimir é não ter afeto, por esse motivo entendemos que nas escolas o conceito Opressor versus Oprimido deve ser eliminado a tal ponto em que não haja quem oprimi ou quem será oprimido, mas, ao contrário disso uma relação de equidade e igualdade onde cada um tem sua importância no processo de construção de uma sociedade. Assim é na escola e nas relações professor-aluno e toda a comunidade escolar onde devem se estabelecer as relações de afetividade criando dessa forma um ambiente de equidade e igualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias da afetividade têm apresentado que por ser uma qualidade que só a espécie humana possui esse é um fator de desenvolvimento cognitivo e de construção de conhecimento. Nenhum outro animal na face da terra possui as condições psicológicas e emocionais para o desenvolvimento da afetividade como o ser humano dessa forma as condições para o desempenho dessa qualidade, pode-se dizer, é exclusividade dos humanos.

O estimulo à afetividade pode se dar por meio da convivência, onde o professor vai estabelecer um vínculo afetivo com o aluno. Tanto as crianças como os adolescentes quanto os adultos possuem uma instabilidade emocional e necessitam de uma estabilidade emocional para aprimorar os aspectos da aprendizagem. Nesse sentido uma forma eficaz de aproximação com o educando, seja a criança, o jovem ou o adulto é através do afeto buscando atingir um meio estimulador e enriquecedor com objetivo de aprimorar não só o desenvolvimento cognitivo como também a inteligência e a construção do conhecimento.

Através do afeto e da afetividade estabelece-se um canal de comunicação onde o respeito e o estímulo à aprendizagem podem estabelecer-se. O professor em sintonia com aluno num clima de carinho e amor pode alcançar o objetivo principal da relação que é o do entendimento e do conhecimento.

As relações didático-pedagógicas devem se estabelecer pautadas no entendimento, no respeito, mas também no afeto. O compartilhamento de sentimentos e sensações ao lado do compartilhamento de conhecimentos faz com que a interação professor aluno ganhe uma relevância de tal forma que a ação pedagógica pode ser facilitada. A construção de uma educação de qualidade passa pelo estabelecimento de relações de afetividade para a efetivação de uma sociedade democrática onde a equidade e a igualdade está presente nas ações pedagógicas. E dessa forma tornar o ensino- aprendizagem um ato de prazer e de amor.

Ao refletirmos sobre a influência da afetividade na aprendizagem, podemos ressaltar que aspectos motivacionais tornam-se ferramentas essenciais na relação entre processor-aluno nos processos didático-pedagógico. O estimulo à autoestima, à autonomia e ao afeto são fatores essenciais para o desenvolvimento do conhecimento. Toda a comunidade escolar e também a família deve estar inserida nesse processo, pois que as práticas educativas devem ser ampliadas para além dos muros da escola.

Finalmente, estabelecer de forma prática e concreta laços afetivos dentro do estabelecimento escolar pautados nos preceitos de equidade e igualdade resultará no fortalecimento de uma educação de qualidade cujo objetivo é a emancipação do indivíduo com vistas à criação de uma sociedade justa, livre, democrática e plena. A observância de tais preceitos resulta numa escola que trabalha para a ampliação do conhecimento e para a criação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres onde o amor, o respeito e a ética sejam a base para o estabelecimento das práticas pedagógica. E como diria Paulo Freire: "... Ora é lógico... numa escola assim vai ser fácil! estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz. É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo".

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMORIM, Arantes Valéria – Afetividade na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas.

São Paulo – Summus Editorial 2003.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Eliane dos Santos. Afetividade no processo de aprendizagem. Revista Educação Pública, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-deaprendizagem - Acesso em 25/05/2021.